

Luigi Fantappiè e seus alunos da FFCL: autonomia e profissionalização da matemática em São Paulo

Luigi Fantappiè and his students at the FFCL: autonomy and professionalization of mathematics in São Paulo

LUCIANA VIEIRA SOUZA DA SILVA

Universidade de São Paulo | USP

ROGÉRIO MONTEIRO DE SIQUEIRA

Universidade de São Paulo | USP

RESUMO Neste artigo, investigamos as estratégias e medidas práticas que Luigi Fantappiè, membro da Missão Italiana que ajudou a organizar as seções de matemática e física da Universidade de São Paulo, na década de 1930, utilizou para dar início à formação de professores e pesquisadores de matemática de maneira distinta e autônoma em relação aos cursos de engenharia. O eixo condutor desse trabalho será um relatório escrito por Fantappiè em 1939 para o diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), quando do seu retorno à Itália, também enviado para o governo italiano. O relato de Fantappiè foi cotejado com depoimentos de seus ex-alunos, produzidos anos após os tempos de FFCL, e também com documentos administrativos da época. O quadro que se apresenta, após esta leitura cotejada, é que a profissionalização e autonomia das matemáticas em relação às engenharias não se deu abruptamente quando da fundação da Universidade de São Paulo, mas por meio de um longo processo conflituoso do qual Fantappiè foi um dos personagens-chave.

Palavras-chave Luigi Fantappiè – fundação da Universidade de São Paulo – autonomia das matemáticas – profissionalização das matemáticas.

ABSTRACT *The main goal of this paper is to describe the strategies and practical measures adopted by Luigi Fantappiè, member of the Italian Mission that took part in the organization of both the mathematics and physics departments of the University of São Paulo, in the 1930s, in order to begin training teachers and researchers in mathematics in a way that was different and autonomous from engineering courses. Our work is based mainly on the report delivered by Fantappiè to the director of the Faculty of Philosophy, Sciences and Literature (FFCL) in upon his return to Italy in 1939, also sent to the Italian government. The summary of his activities is here analyzed in comparison with interviews given by his students years after the establishment of the FFCL, and with official documents from the University of São Paulo in the 1930s. The general picture gained from this analysis is that the professionalization of mathematics and its autonomy from engineering was not achieved in an abrupt way, when the University was established, but was the result of a long and conflicting process of which Fantappiè was a key figure.*

Keywords *Luigi Fantappiè – establishment of the University of São Paulo – autonomy of mathematics – professionalization of mathematics.*

Introdução

Até a década de 1930, o ensino e a pesquisa em matemática no Brasil foram práticas majoritariamente restritas a engenheiros. No ensino escolar, eram eles que pautavam os debates sobre o ensino de matemática no Brasil, disputando, inclusive, as vagas para professor de matemática.¹ No ensino superior brasileiro, as matemáticas apareciam somente nas escolas de engenharia, normalmente nas disciplinas dos primeiros anos, enquanto as práticas matemáticas, salvo raras exceções, estavam normalmente dedicadas a problemas de engenharia.²

Os primeiros movimentos de institucionalização da separação não só da matemática em relação às engenharias, mas da história natural, zoologia, química, física, sociologia, letras, em relação às grandes profissões imperiais, ou seja, medicina, engenharia e direito, vão se tornar perceptíveis somente com a fundação da Sociedade Brasileira de Ciências, em 1918, da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, da Universidade do Distrito Federal, em 1935, e da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1937.³

No caso específico da Universidade de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, então interventor federal nomeado governador do Estado de São Paulo, publicou um decreto,⁴ em 25 de Janeiro de 1934, que autorizava a fundação da Universidade de São Paulo (USP), a qual, além de congregar algumas faculdades preexistentes, como a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina e a Escola Politécnica, criaria uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), onde se instalariam três seções seguindo a seguinte taxonomia: a Seção de Filosofia, com quatro cadeiras; a Seção de Ciências, que compreendia as Subseções de Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências Naturais, Geografia e História, Ciências Sociais e Políticas, totalizando vinte e duas cadeiras; e a Seção de Letras, com dez cadeiras.⁵

Há já vasta literatura sobre como se deu o caso específico das matemáticas no Brasil e os principais marcos historiográficos são bastante conhecidos,⁶ sendo que o fato mais relevante, para o que queremos discutir aqui, foi a contratação de uma missão de professores italianos para reger as cadeiras das Subseções de Matemática e Física da FFCL, no ano de 1934.⁷

Um dos professores dessa missão, o matemático Luigi Fantappiè (1901-1956), introduziu, no Brasil, diversos conteúdos que não eram trabalhados nos cursos de engenharia de então.⁸ Além de seus feitos nos campos do ensino e da pesquisa, atuou como divulgador da cultura italiana no Brasil, tendo sido, inclusive, um intermediador das políticas culturais do governo de seu país dentro da FFCL.⁹

Na verdade, Fantappiè, enquanto esteve no Brasil, entre 1934 e 1939, atuou em uma dupla missão: de um lado, havia as expectativas dos fundadores da USP e, particularmente, da FFCL, que esperavam que ele se esforçasse para ajudar a organizar um curso novo, dentro de uma instituição nova, idealizada a partir de propostas para o ensino superior e secundário de um grupo de paulistas que disputavam o poder;¹⁰ do outro lado, havia os interesses do governo italiano, que investia no envio de intelectuais para o exterior com o objetivo de divulgar a cultura italiana,¹¹ o que nos permite inferir que era esperado que Fantappiè (e a Missão Italiana, como um todo) fosse além da organização científica local e atuasse como uma ponte entre os dois países, buscando deixar marcas de sua passagem para criar, por exemplo, uma espécie de tradição matemática italiana na FFCL, que deveria continuar existindo mesmo depois de sua partida, através da formação de discípulos. Ou seja, Fantappiè e a Missão Italiana contribuíram para a formação de um novo agente no sistema de ensino superior: um professor de matemática que não era engenheiro.

Neste artigo, gostaríamos de discutir, em primeiro lugar, quais foram as estratégias que Fantappiè utilizou para dar início à formação de professores e pesquisadores de matemática, de maneira distinta e autônoma em relação aos cursos de engenharia, quais medidas práticas ele e seus colegas adotaram frente aos desafios locais que foram aparecendo. Para além dos instrumentos de ensino implementados por esse grupo de professores (seminários de pesquisa, publicação de trabalhos, discussão sobre a organização e o enfoque das disciplinas), a nacionalidade italiana desses intelectuais implicou em trocas culturais identitárias para além da científica, que gostaríamos de trabalhar nesse texto: que língua utilizar, que livros ler, como ensinar? Por fim, conforme adentramos nas atividades implementadas

por Fantappiè, surge uma terceira questão, que trabalharemos na última parte deste texto: a construção da identidade dos matemáticos implicou numa cisão com os engenheiros, que não estava prevista nos primeiros projetos de criação da nova universidade?

O eixo condutor desse trabalho será um relatório escrito por Fantappiè em 1939¹² para o diretor da FFCL, quando do seu retorno à Itália, que também foi enviado para o governo italiano, na época. Uma vez que este relatório é uma apresentação positiva das atividades de Fantappiè no Brasil, foi preciso contrastar as informações coligidas pelo professor com relatos e outros documentos oficiais da época. Por isso, utilizamos alguns depoimentos¹³ de seus ex-alunos produzidos anos após os tempos de FFCL e procuramos, também, incorporar nas análises documentos administrativos produzidos pela Escola Politécnica. É na confluência dessas variadas fontes que as divergências e os acordos em torno da construção desse novo espaço científico deverão surgir.

“Formar o mais depressa possível um grupo de alunos com sólida base de cultura”

Um dos principais documentos que corroboram a ideia da dupla função da Missão Italiana no Brasil é o relatório, que acabamos de comentar, escrito por Fantappiè quando de seu retorno à Itália, em 1939. Neste relatório, ele fala sobre seu relacionamento com os alunos, a primeira geração de matemáticos brasileiros, a organização dos programas de matemática, a fundação do *Jornal de Matemática Pura e Aplicada*, o *Seminário Matemático e Físico*, a organização da biblioteca (que contou com muitos títulos italianos) e sobre o futuro da matemática naquela instituição.

Tanto o relatório de Fantappiè quanto os depoimentos dos ex-alunos podem ser compreendidos como textos biográficos, que tendem a tratar a vida como uma história e a história como uma sucessão de eventos; algo com um começo, um meio e um fim.¹⁴ Um dos cuidados que devemos tomar com esse tipo de narrativa é que seus autores realizam certas escolhas – que não se dão ao acaso – com relação aos eventos relatados. Uma diferença marcante, no entanto, são as condições de produção de cada documento; enquanto o relatório de Fantappiè se destinava ao diretor da FFCL, Alfredo Ellis Júnior,¹⁵ e tem um tom geral de prestação de contas, os depoimentos que analisamos foram produzidos a partir de entrevistas, onde boa parte dos temas tratados foram estimulados por um entrevistador.

De todo modo, consideramos relevante confrontar a visão de Fantappiè, a perspectiva do mestre, produzida ainda no período em que os eventos ocorreram, com as de seus ex-alunos, as perspectivas dos estudantes, produzidas anos mais tarde, com um distanciamento temporal.

Logo no início de seu relatório, Fantappiè fala sobre suas atividades didáticas e estabelece o foco de seu trabalho nos cinco anos da sua estadia em São Paulo:

Nos dois primeiros anos do contrato, em 1934 e 1935, o primeiro ano da Subsecção de Matemática funcionou em comum com a Escola Politécnica. Em vista disso, e também em vista de ser o curso somente de três anos, tive que desenvolver muita matéria no primeiro ano, mais que em outras Faculdades congêneres da nossa. Aumentei dessa maneira o programa, porque era necessário formar o mais depressa possível um grupo de alunos que completassem o 3º ano já com sólida base de cultura de modo a garantir a formação de um meio científico conveniente, onde o trabalho poderia ser muito mais produtivo [grifo nosso]; para esse fim, em quase todos os anos dei várias horas semanais além do que foi estipulado no contrato inicial, no que aliás fui acompanhado pela boa vontade dos alunos, que sempre assistiram as aulas com o máximo interesse, dedicando notável esforço para estudar toda a matéria desenvolvida.¹⁶

Para formar esse grupo de alunos, foi preciso superar uma série de empecilhos: a língua italiana, que não era falada por todos, as incertezas com relação ao espaço físico disponibilizado para iniciar as atividades da FFCL, a forma-

ção da biblioteca, a posterior inserção desses alunos na comunidade internacional, os diferentes posicionamentos com relação à formação de professores de matemática para o ensino secundário e o futuro da cátedra quando do retorno de Fantappiè e dos outros professores à Itália.

Um dos elementos importantes para a criação de um espaço dedicado à pesquisa na FFCL foi a criação do Seminário Matemático e Físico, em parceria com o físico e colega Gleb Wataghin. Segundo D'Ambrosio,¹⁷ essa foi uma das práticas da matemática italiana introduzidas por Fantappiè na FFCL, logo no início das atividades. Segundo Cândido Dias,¹⁸ eles eram realizados, inicialmente, na Rua Líbero Badaró, no Instituto de Engenharia,

era feito uma vez por semana e ele talvez tinha sido, sob esse ponto de vista, não só didático, de aula, mas de comunicação, outro tipo de comunicação: é o primeiro seminário sistemático que havia por aqui (talvez mesmo incluindo o Rio). Ele [Fantappiè] prezava muito o seminário, levava muito a sério, convidava muitas pessoas. Estou me lembrando de uma passagem aqui por São Paulo do grande Civita, que fez conferência nesse seminário. Enfim, esse seminário se estendia também à Física e esse foi um dos pontos altos de Fantappiè: a atividade desse seminário.

De fato, Fantappiè, em seu relatório, também ressaltou o papel do seminário de promover um diálogo entre professores e alunos, e também de constituir um espaço para receber convidados estrangeiros, como Tullio Levi-Civita, citado por Cândido Dias, e Angelo Tonolo. Segundo Fantappiè, os alunos eram estimulados a lerem as memórias originais, o que lhes exigiria um esforço maior, como parte de um processo de formação de cientistas. Além da leitura árdua, eles tinham que desenvolver e apresentar seus próprios trabalhos, o que vinha seguido de uma discussão.¹⁹ Em uma visão um pouco diferente, Castrucci²⁰ afirma que eram os professores quem indicavam os temas que os alunos deveriam explorar e, após as apresentações, iniciavam um intenso debate, ocasião em que eles “achavam” os alunos. De todo modo, os seminários, assim como outras conferências promovidas pela FFCL,²¹ eram, de acordo com Fantappiè, anunciados nos jornais do período, com o objetivo de “pô-la em contacto mais íntimo com o ambiente culto da capital”,²² quer dizer, era uma maneira de mostrar para a intelectualidade paulista que ali, na FFCL, também estavam começando a produzir ciência.

Ao falar sobre o Seminário em seu Relatório, Fantappiè apresenta o grupo de matemáticos que formou no Brasil, sobretudo Fernando Furquim de Almeida, Omar Catunda e Cândido Dias. Catunda, em 1938, teria exposto

*os primeiros capítulos da tese de Cartan ‘Sur la structure des groupes de transformations finis et continus’; o sr. Cândido L. da Silva Dias expôs as teorias de Vessiot sobre a aplicação da teoria dos grupos às equações diferenciais que admitem sistema fundamental de soluções. O Sr. Fernando Furquim de Almeida, já então professor de Complementos de Matemáticas para [Químicos], iniciou nesse mesmo ano a exposição da Teoria de Fuchs sobre as equações diferenciais lineares, continuada este ano de 1939.*²³

A desenvoltura de Omar Catunda foi destacada no Relatório de Fantappiè, sobretudo sua capacidade crítica, observada em um trabalho sobre topologia, desenvolvido a partir do tratado de Seifert-Threlfall.²⁴ Segundo Edison Farah, aluno da segunda geração de matemáticos da FFCL e assistente de Catunda, “os italianos mesmo ficavam boquiabertos quando naqueles seminários o Catunda fazia aquelas encenações com espírito crítico, atilado. Então eu ganhei muito com o fato de ser assistente dele”.²⁵

Outra maneira de colocar a produção científica da FFCL em circulação e de apresentá-la ao público externo à faculdade foi a criação do Jornal de Matemática Pura e Aplicada que, por problemas de ordem administrativa na Imprensa Oficial, havia publicado apenas um número até 1939.²⁶ De fato, não foram publicados outros números do jornal,²⁷ apesar de Fantappiè ter demonstrado certa esperança quanto à resolução dos problemas.²⁸ Segundo Cândido Dias, Fantappiè fazia as correções do Jornal e, para ele, o periódico (que não passou do primeiro número), era como uma revista.²⁹

Ciência e propaganda cultural

Todo esse processo de trocas científicas entre professores e alunos pode ser pensado em um contexto mais amplo, de trocas culturais, onde o domínio e a aprendizagem da língua italiana foram elementos facilitadores ou complicadores. Analisando os diversos relatos sobre o período, observamos diferentes reações ao uso do italiano no cotidiano da FFCL.

Antonio Cândido de Mello e Souza, que se formou em Ciências Sociais em 1941, mas conheceu Fantappiè e conviveu com outros professores da Missão Italiana, como Vittorio de Falco e Giuseppe Ungaretti, não teve tantos problemas nesse aspecto porque, segundo ele, “naquele tempo em São Paulo a gente ouvia [italiano] o dia inteiro”.³⁰ Benedito Castrucci,³¹ formado em matemática em 1939, relata que não teve grandes dificuldades, dado que era descendente de imigrantes italianos e falava o idioma. Cândido Lima da Silva Dias³² apresenta a mesma opinião sobre a questão: “naquele tempo a influência italiana era muito mais intensa, mais evidente, em São Paulo do que hoje. Assim, as aulas em italiano eram perfeitamente naturais e os alunos não tinham a menor dificuldade”. Nesse sentido, a convivência com a colônia italiana de São Paulo teria facilitado a relação com os professores italianos da FFCL. No entanto, essa facilidade com a língua não foi homogênea entre os alunos da Seção de Ciências, uma vez que o físico Marcelo Damy de Souza Santos, formado em 1936, afirma que ele e seus colegas tiveram “que aprender italiano ‘a muque’”.³³

Além das aulas, também os livros eram majoritariamente em italiano.³⁴ Aliás, Fantappiè dedica uma seção inteira de seu relatório para descrever seus esforços na formação da biblioteca: ele teria comprado livros com verbas da própria Universidade, mas também angariado doações da parte de colegas e do governo italianos. Sempre com uma visão positiva com relação à presença da língua italiana no cotidiano da matemática da FFCL, Castrucci³⁵ dizia que seus colegas

embora não soubessem italiano, eu fui exceção, familiarizaram-se com o italiano de tanto ouvir as aulas em italiano. E fatalmente começaram a ler livro em italiano. Eu tive colegas que, depois de dois anos de curso chegavam até a fazer frases em italiano no exame. Esqueciam que estavam fazendo exame, falavam em italiano com o professor.

238

O otimismo de Castrucci com relação ao italiano não se estendia para a língua alemã, pois ele lembra que, algumas vezes, seus professores citavam autores alemães durante as aulas e, também, recomendavam alguns livros nesse idioma, o que dificultava os estudos de seus colegas.

É evidente que Fantappiè optou pelos livros em italiano por conta de sua familiaridade com a língua e com autores italianos, ou seja, ele simplesmente decidiu continuar a usar um material com o qual já estava habituado a trabalhar. Por outro lado, o uso desses textos em italiano e o desenvolvimento de um espaço intelectual fora da Itália, onde o italiano era língua corrente, revela um pouco do aspecto político de sua missão no Brasil, de atuar como um divulgador da cultura italiana; daí, estimular seus alunos a entrarem em contato com um (ainda que restrito) universo cultural italiano seria interessante para o governo de seu país, levando em consideração as políticas externas de Mussolini.³⁶ Além disso, Castrucci³⁷ revela que Fantappiè dizia que os livros brasileiros de matemática não tinham rigor e, por isso, estimulou seus alunos a, além de lerem livros em italiano, francês e alemão, tomarem nota das aulas e produzirem novas coleções de livros para serem adotados não só na FFCL, mas em outros cursos Brasil afora. Em seu relatório, Fantappiè comentou sobre as notas de aula coligidas por Omar Catunda, no âmbito do curso de Análise Matemática, as quais, já em 1939, estavam em sua segunda edição e que circulavam em outras cidades brasileiras e em outros países, como Argentina e Portugal.³⁸ Nesse sentido, essa nova maneira de fazer matemática foi sendo desenvolvida em paralelo à difusão de uma cultura italiana.

Fantappiè não atuou somente para difundir sua cultura entre seus alunos, como também circulou em espaços de convivência ítalo-brasileira, chegando a frequentar peças no Teatro Municipal, jantares e outros eventos.³⁹ Porém não encontramos relatos sobre essa circulação em seu relatório, nem nos depoimentos de seus ex-alunos, salvo a pertença de Fantappiè ao fascismo, que surge em alguns deles, como quando comentam sobre o retorno do matemático à Itália, com o início da Segunda Guerra Mundial.⁴⁰ Mesmo assim, Fantappiè deixou escapar um aspecto de sua atuação

como uma espécie de embaixador cultural italiano no Brasil ao comentar sobre ter sido o responsável pela contratação de outros professores italianos para a FFCL: Giacomo Albanese, para a matemática, Luigi Galvani, para a geometria, e Giuseppe Ungaretti, para a língua e literatura italiana.⁴¹ Essa atitude também pode ser compreendida sob diversos ângulos, mas ressaltamos o aspecto de que ela se enquadra perfeitamente nas políticas externas da Itália fascista, de enviar professores e intelectuais italianos ao exterior com fins de propaganda cultural.⁴²

A Missão Italiana e o ensino de Matemática no Brasil

Fantappiè conseguiu formar, dentro da FFCL, um meio acadêmico e científico que despertou em seus alunos o gosto pela matemática e, sobretudo, pela matemática italiana. Castrucci⁴³ conta que ele e seus colegas costumavam frequentar uma livraria, em seus tempos livres, onde encontravam diversos títulos italianos recomendados pelos professores. A vida cultural de seu grupo parecia girar em torno de atividades relacionadas à matemática, como quando participavam das conferências proferidas por professores italianos e franceses visitantes. Salvo algumas idas ao café da própria faculdade, Castrucci descreve o grupo de estudantes do qual fazia parte como “muito bitolados pela Matemática (...) [pois] normalmente os alunos eram mais voltados só para a Matemática”.⁴⁴

No que se refere mais especificamente à formação de professores para o ensino secundário e às correntes de pensamento sobre educação, as ideias de Fantappiè ainda causam algumas divergências entre historiadores da matemática. A partir da análise de diferentes depoimentos de Benedito Castrucci, Duarte, Oliveira & Pinto⁴⁵ consideraram que “além da nítida separação entre os conteúdos específicos e a preparação pedagógica, especificamente em relação ao Curso de Matemática, torna-se evidente que esse curso visava, em primeiro lugar, à formação de pesquisadores, deixando em segundo plano a formação de professores”. De fato, de acordo com Castrucci,⁴⁶ Fantappiè lhe aconselhou a não cursar as disciplinas da área de didática e costumava dizer o seguinte: “estuda Matemática, deixa de lado essas coisas de Didática, porque Didática só tem uma regra boa: saber a matéria, se você souber a matéria, o resto você é um artista e se for um mau artista será a vida toda, se for um bom artista será um bom professor. O resto põe tudo de lado”. E Castrucci⁴⁷ complementa: “os que fizeram Didática na minha turma foram aqueles que estavam já excluídos da carreira de professores na Universidade. Já estavam empurrados para o ensino secundário, foram fazer o curso, era de um ano”.

Tendo como base essa declaração de Castrucci, Circe Silva⁴⁸ defende a tese de que “a formação pedagógica do futuro professor de Matemática não era valorizada pelos professores italianos, que até desaconselhavam os estudantes a realizarem um ano de estudos após a conclusão do bacharelado e tornarem-se licenciados em Matemática” e que, ao tratar o professor como um artista, Fantappiè estaria se apoiando em uma ideia de que ele seria dotado de “um dom inato, não necessitando de formação específica”.⁴⁹

No entanto, podemos olhar essa questão sob uma outra ótica. Fantappiè se interessava (e muito) pelo ensino da matemática de nível secundário. No período em que esteve na FFCL, foi estimulado a discursar publicamente sobre questões relativas à educação, muitas vezes contando com professores na plateia, abordando temas como os problemas do ensino secundário brasileiro, não só da matemática, e formação de professores. Analisando seus discursos, observamos que ele defendia um ensino secundário de caráter orgânico e humanístico, em detrimento daquele classificado como enciclopedista, de acumulação de conteúdos. Além disso, Fantappiè chegou a escrever dois projetos de reforma para o ensino: um para a FFCL e outro para o secundário brasileiro, em substituição à Reforma Francisco Campos, de 1931. Esses projetos foram publicados no Anuário da FFCL de 1936, o que demonstra o apoio, incentivo e abertura da instituição para que Fantappiè abordasse o assunto.⁵⁰ Cabe ressaltar que era comum no discurso dos fundadores da USP a defesa de uma mudança no ensino, principalmente no secundário, o qual deveria formar uma nova elite intelectual para comandar o país, a fim de substituir as chamadas “oligarquias” que, até então, se ocupavam do poder.⁵¹

Se analisarmos especificamente seu projeto de reforma para o ensino da FFCL, observaremos que ele não estava satisfeito com a organização de então, classificada por ele e por alguns de seus colegas como não sendo “orgânica”. Assim, sua proposta visaria à organicidade do ensino na Faculdade. Por isso, ele considerava mais apropriado que os alunos não frequentassem cursos pedagógicos no Instituto de Educação, de maneira descolada do curso que frequentavam na FFCL. Para ele, seria mais interessante que os alunos aprendessem a dar aula de maneira conjunta com sua área específica de formação, através da participação em um Seminário Pedagógico, que consistiria em um conjunto de conferências sobre a temática do ensino, e também deveriam ministrar um número mínimo de aulas.⁵²

Com isso, não concordamos com a tese de que Fantappiè só se preocupava com o caráter científico da matemática. Ao contrário, ele foi um dos professores da FFCL que mais circulou em outros espaços com o objetivo de defender suas posições, no período em que esteve no Brasil. Isso pode ser observado inclusive em seu relatório, quando ele deixa evidente que foi procurado por autoridades para que colaborasse com os debates sobre ensino secundário brasileiro do período. Ele cita as conferências que proferiu, a pedido da FFCL, e comenta sobre seus projetos de reforma do ensino, elaborados com o auxílio do assistente de Geometria, Ernesto de Oliveira.⁵³ Além disso, ele também menciona uma ocasião, em 1937, na qual foi incumbido de ir ao Rio de Janeiro, no Conselho Nacional de Educação, para representar os interesses de São Paulo com relação ao ensino, principalmente os assuntos que envolviam o Colégio Universitário.⁵⁴

No Brasil dos anos de 1930, havia um debate sobre qual perspectiva educacional da matemática era mais adequada para o ensino secundário. Uma das personagens desses debates era o padre Arlindo Vieira, que atacava ferozmente os defensores daquilo que ele chamava de “ensino enciclopedista”, sobretudo o catedrático do Colégio Pedro II, Euclides Roxo.⁵⁵ De certo modo, o padre se alinhava às ideias defendidas por Fantappiè, tendo chegado a citá-lo em um artigo de jornal, de acordo com relatos de observadores da época.⁵⁶

Fantappiè acreditava que suas ideias, de fato, tiveram uma circulação significativa. Em seu relatório, ele comenta: “alguma influência dessa atividade pode-se ver, penso, no fato de ser adotada pelo Conselho Nacional de Educação, no seu Plano Nacional, já publicado, a orientação formativa e clássica do ensino secundário, sempre preconizada por mim, e que encontrou apoio decidido entre várias pessoas que também se interessam pelo assunto”.⁵⁷ Ele se referia às movimentações do governo federal que antecederam a Reforma Capanema, de 1942.⁵⁸ Na mesma época, precisamente em 1940, o governo italiano, através do embaixador Ugo Sola, entrou em contato com Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde Pública, a fim de apresentar as posições dos professores da Missão Italiana sobre o ensino, numa clara tentativa de participar dos novos rumos que tomaria a educação brasileira.⁵⁹

Quem (e como se) deve ensinar cálculo na nova Universidade de São Paulo?

Dentre todas as atividades da Subseção de Matemática, é bem provável que os maiores problemas se deram em torno do funcionamento das cadeiras de Cálculo e Mecânica que, no novo arranjo institucional, eram comuns a todos os alunos da Universidade. Elas serão o lugar por excelência das disputas intelectuais do período entre matemáticos, físicos e engenheiros.

Luigi Fantappiè chegou ao Brasil por volta do dia 11 de maio de 1934, aportando no Rio de Janeiro e, dias depois, em Santos. Veio acompanhado do professor Francesco Piccolo, responsável pela cadeira de Língua e Literatura Italiana da FFCL. Muitos jornais da época noticiaram a viagem dos professores desde a sua saída da Itália, no início de maio.⁶⁰ A data difere ligeiramente daquela apresentada por seu aluno e assistente, Cândido Lima da Silva Dias, que afirmou que a chegada dos professores contratados “sucedeu precisamente em abril”.⁶¹ Para o assistente, Fantappiè teria sido “inicialmente [...] contratado para dar aulas na Escola Politécnica”,⁶² o que indica certa primazia da Escola Politécnica no que se refere à contratação do professor. Além disso, segundo Dias:

As aulas de Fantappiè sempre foram ministradas na Escola Politécnica e lá o curso permaneceu até setembro de 1938, numa dependência da Eletrotécnica. Daí passamos para o prédio da Escola Normal (o atual colégio Caetano de Campos), na praça da República. Todo o terceiro andar, que fora reformado, foi cedido à Faculdade de Filosofia. A Matemática da FFCL nunca esteve no casarão da Alameda Gleite. Saindo do prédio da praça da República fomos para outro, no bairro do Paraíso, à rua Alfredo Élis, no dia 20 de junho de 1942. A etapa seguinte, em agosto de 1949, foi a transferência para a famosa sede da Faculdade, na rua Maria Antônia.⁶³

A cronologia proposta por Cândido Dias para as atividades da Subseção de Matemática casa razoavelmente bem com os principais marcos postos pelos documentos oficiais: os politécnicos cederam por algum tempo um espaço no prédio da engenharia eletrotécnica à nova subseção, também o fizeram para os físicos no prédio principal da Politécnica; depois, a subseção seguiu para o Colégio Caetano de Campos; para a Rua Alfredo Élis; e, por fim, para o prédio da Rua Maria Antônia. Em seu relato, o assistente não demonstra interesse em detalhar as razões que pautaram as várias mudanças de espaço, nem o faz Fantappiè em seu relatório, em 1939. A relação que os alunos e professores da Escola Politécnica mantiveram com as Subseções de Matemática e Física da FFCL fora sem grandes consequências, se seguimos apenas esses dois relatos.

Lendo o relato de Marcelo Damy, aluno da Subseção de Física na mesma época que Dias, um outro cenário, mais instável e conflituoso, surge a partir dos documentos. Damy, em pelo menos dois de seus relatos, insiste em descrever um ensino de engenharia estagnado e atrasado, diz que os professores da Politécnica “repetiam as mesmas coisas que liam ao prepararem suas aulas, na véspera [das aulas]”,⁶⁴ “se limitavam a ler livros antigos e a traduzir artigos para fazer conferências”.⁶⁵ Coincidência ou não, verdade ou não, o relato de Damy deve ser pensado no contexto das rivalidades no período, entre engenheiros, físicos e matemáticos. Ele é o único que procura enunciar uma razão para a saída dos físicos da Politécnica, em 1937. Ela teria se dado após o Golpe do Estado Novo, quando alguns dos idealizadores da nova Universidade, como Armando de Salles Oliveira, ficaram em posição política bastante precária em relação a Getúlio Vargas:

O laboratório de Wataghin chegou a ser desmontado, por ordem de Henrique Jorge Guedes, então diretor da Poli. Livros, mesas e equipamentos foram colocados no corredor. Reinaldo Porchat, ex-reitor da universidade, intercedeu e conseguiu que Wataghin ficasse numa salinha no sótão do prédio principal da Politécnica. Foi nesse sótão da rua Três Rios que começamos as primeiras experiências para medir o nível de radiação em São Paulo.⁶⁶

Evidentemente que as histórias das duas subseções não devem ser confundidas, mas as diferenças entre os testemunhos de Damy, Fantappiè e Dias são substanciais e, provavelmente, são fruto de uma estratégia textual bem pensada, uma vez que outros documentos e narrativas vão colocar as atividades da Subseção de Matemática também em um contexto conflituoso com os engenheiros.

De fato, um ano antes da chegada de Fantappiè, em agosto de 1933, a Cadeira de Complementos de Geometria Analítica; Elementos de Nomografia; Cálculo Diferencial e Integral, da Escola Politécnica, resultou vaga em decorrência da morte de seu detentor, o engenheiro Rodolfo Baptista San Thiago. A questão abriu uma longa disputa entre os engenheiros José Octávio Monteiro de Camargo e Omar Catunda, que acabou parcialmente resolvida somente em 23 de julho de 1936, quando Camargo ocupou a cadeira interinamente e, em definitivo, em 18 de junho de 1938, quando o governador o nomeou para o cargo.⁶⁷

Assim, em meados de 1934, não havia um professor responsável pela disciplina de cálculo tanto na FFCL quanto na Escola Politécnica. É neste contexto que, em 16 de julho de 1934, dois meses depois da chegada de Fantappiè a São Paulo, o então diretor da Escola Politécnica, Francisco Emygdio de Fonseca Telles, comunica ao Secretário de Educação e Saúde Pública a contratação do professor italiano para ensinar na Escola Politécnica:

Tenho a honra de comunicar a V.Ex. que achando-se vaga a cadeira nº3 – Complementos de Geometria analítica. Elementos de Nomografia. Calculo diferencial e integral, e sendo permitido, de acordo com o art. 110 dos Estatutos da Universidade de S. Paulo, que a mesma cadeira, ou parte dela, sob a regencia do mesmo professor, seja comum a mais de um instituto universitário, convidei, nos termos do Regulamento da Escola Politecnica e dos Estatutos da Universidade o Professor Luigi Fantappiè, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para reger a referida cadeira. Comunico outrossim a V. Ex. que o Conselho Universitário, na sua última sessão, tomou conhecimento desta providência, tendo nessa ocasião ficado esclarecido que o contrato do aludido professor com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, facultada tal medida sem onus para a Universidade.⁶⁸

A propositura de um professor de cálculo comum às duas escolas - coisa parecida aconteceu com Wataghin, que ensinou física também na Escola Politécnica - pode ser vista na esteira dos planos iniciais de alguns politécnicos e também de Fernando Azevedo, ainda em 1926, de formar a nova Universidade a partir de uma Faculdade de Filosofia e Letras, um Instituto de Educação e de alguns cursos superiores, como de matemática, física e química, anexos à Escola Politécnica.⁶⁹

Embora a Universidade de São Paulo tenha seguido um formato um pouco diferente, ou seja, tenha incorporado os cursos superiores de ciências à Faculdade de Filosofia e Letras, formando a Faculdade de Filosofia, “Ciências” e Letras, os regimentos mantiveram ainda a possibilidade dos professores circularem entre as instituições, o que causou muitas desavenças no caso da matemática e da física. Celeste Filho⁷⁰ descreve o período como uma guerra pela primazia das cátedras. De fato, no início de 1936, depois de um ano completo de aulas proferidas, a Congregação da Escola Politécnica sugere até invalidar o resultado dos cursos lecionados por Fantappiè e Wataghin:

A Congregação desaprovou o curso de Física, conjunto com a Faculdade de Ciências, realizado pelo professor Wataghin. Informam os professores Freire, Costa e Anhaia Mello que esse curso “tem, para a Escola Politecnica, os mesmos defeitos já assinalados no ano anterior [1934], principalmente os de ordem didática, e o de não seguir o programa oficial da Escola. A Congregação não o poderia aceitar, qualquer que fosse o professor”. Verifica-se mais que a Congregação desaprovou também o curso realizado pelo engenheiro Ponzio Ippolito [assistente de Luigi Fantapié], da cadeira de Cálculo. Informam os professores “que o programa oficial da cadeira não foi respeitado. A julgar por este, a matéria explanada não foi além do 1º ponto de cada uma das duas partes: Cálculo e Geometria Analítica. Da parte de Nomografia, nada foi dado. Não houve aulas de repetição e de exercícios, indispensáveis em cursos de matemática, nem mesmo se contratou o necessário adjunto, que a Congregação destinara à cadeira.”⁷¹

O relatório de atividades de Fantappiè, de 1939, nada comenta sobre a problemática. Ao contrário, sugere que o conteúdo de sua disciplina foi aumentado e que ele trabalhou a mais do que fora combinado em seu contrato.

As disparidades entre os relatórios e os documentos que apresentamos nos levam a reconhecer que os cortes historiográficos propostos até então não significam, de maneira alguma, dar por completa a separação entre a matemática e as engenharias. A ruptura das matemáticas em relação às engenharias, materializada em um currículo novo e distinto, em um conjunto de leituras distintas, em uma formação mais teórica, contém, na realidade, continuidades, laços com a faculdade de origem, que podem ser vistos no compartilhamento de salas de aula, laboratório e professores. Em princípio, esses laços não parecem ter levantado problemas aos idealizadores do novo projeto, mas com o passar dos anos eles se revelaram insustentáveis.

Autonomia e profissionalização?

À guisa de conclusão, observamos que a leitura e o cotejamento dos discursos dos primeiros alunos e de seu professor mais importante, Luigi Fantappiè, nos levam a construir uma história da gênese da autonomia das disciplinas

na Universidade de São Paulo. Se olharmos isoladamente o relatório de Fantappiè, não levando em consideração o seu contexto de produção e circulação, tendemos a descrever uma gênese pacífica, de relações acadêmicas cordiais, e uma total autonomia das atividades da Seção de matemática da FFCL. O relatório também omite a visão de Fantappiè acerca das trocas culturais ocorridas na FFCL por ocasião da passagem da Missão Italiana, algo presente nos depoimentos dos alunos. Assim, o cotejamento dos diversos discursos insere uma tensão que, segundo Bourdieu,⁷² é inerente ao campo científico, a qual nasce nas disputas pela autoridade e competência científicas e das tentativas de determinados subgrupos fugirem das imposições do macrocosmo dos quais eles fazem parte.

Nesse sentido, devemos nos perguntar em que medida os regimentos foram suficientemente fortes para conceber as matemáticas de maneira distinta das engenharias, de criar a Subseção de Matemática separada da Escola Politécnica, e qual foi o grau de autonomia que as matemáticas, um campo⁷³ em gênese naquele determinado momento histórico, usufruiu em relação às engenharias.

O resultado da celeuma foi a total erradicação das disciplinas e cadeiras comuns entre as escolas por volta de 1937. Uma vez que matemáticos, físicos e engenheiros não deveriam mais aprender cálculo numa mesma sala, que a autonomia do fazer matemática por matemáticos se mostrou incompatível com o fazer engenharia, o despejo das seções da FFCL das instalações da Politécnica na Rua Três Rios se concretizou.⁷⁴ O não compartilhamento de espaços físicos foi, na verdade, materialização da impossibilidade de compartilhar os mesmos critérios de julgamento no estudo da matemática. No entanto, as duas faculdades mantiveram estruturas paralelas de ensino de cálculo e física nas décadas seguintes. Assim, ficou estabelecida certa autonomia mas não profissionalização⁷⁵ do modo de fazer matemática trazida pelos italianos, dado que engenheiros ainda podiam ensinar cálculo na Escola Politécnica.

Notas e referências bibliográficas

243

Luciana Vieira Souza da Silva é licenciada em Ciências da Natureza e mestra em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Atualmente, é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, bolsista da FAPESP (processo 2015/20490-8), e membro do grupo de pesquisa Intelectuais da Educação Brasileira. E-mail: luciana.vieira.silva@usp.br.

Rogério Monteiro de Siqueira é professor livre-docente de história das ciências na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. É orientador do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da mesma instituição. E-mail: rogerms@usp.br.

- 1 VALENTE, W. R. Do Engenheiro Ao Licenciado: Subsídios Para a História da Profissionalização do Professor de Matemática no Brasil. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 5, n. 16, p. 75-94, set./dez. 2005.
- 2 Siqueira, R. M. Enciclopédismo, distinção profissional e modernidade nas ciências matemáticas brasileiras (1808-1930). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 7, p. 81-91, 2014.
- 3 CUNHA, L. A. *A Universidade temporã. O ensino superior, da Colônia à Era Vargas*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Unesp, 2007. VIDEIRA, A. A. P. *Henrique Morize e o ideal de Ciência Pura na República Velha*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003. FÁVERO, M. L. A. *Universidade do Brasil: das origens à construção*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. SCHWARTZMAN, S. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Finep, 1979.
- 4 Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934. CARDOSO, I. *A Universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo: Editores Associados/Cortez, 1982.
- 5 CARDOSO, op. cit., 1982. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1935)*. São Paulo: Empresa Grafica da "Revista dos Tribunaes", 1937.
- 6 CAVALARI, M. A. Um histórico do curso de matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP). *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 12, n. 25, p. 15-30, ago./dez., 2012. LIMA, E. B.; DIAS, A. L. M. O Curso de análise matemática de Omar Catunda: uma forma peculiar de apropriação da análise matemática moderna. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 211-230, jul./dez. 2010. DUARTE, A. R. S.; OLIVEIRA, M. A. A.; PINTO, N. B. A relação conhecimento matemático versus conhecimento pedagógico na formação do professor de matemática: um estudo histórico. *Zetetiké*. Campinas, Unicamp, v. 18, n. 33, p. 103-136, jan./jun. 2010.
- 7 SILVA, L. V. S. *A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: ciência, educação e fascismo (1934-1942)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. SILVA, L. V. S.; SIQUEIRA, R. M. A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP e o imaginário da imprensa e do paulistano sobre o fascismo antes da Segunda Guerra. *Intellèctus*, ano XIII, n. 2, p. 123-141, 2014. SILVA, C. M. S. A faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e a formação de professores de Matemática. In: 23ª Reunião Anual da ANPED, 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2000, p. 1-19. WATAGHIN, L. Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: a contribuição dos professores italianos. *Rev. Inst. Est. Bras.*, São Paulo, n. 34, p.151-174, 1992. D'AMBROSIO, U. A influência italiana nas atividades científicas brasileiras. In: DE BONI, L. A. (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987, p. 508-521.

- 8 MATTOS, A. C. A matemática no contexto da criação da Universidade de São Paulo. In: IX Seminário Nacional de História da Matemática, Aracaju, 2011. *Anais...* Aracaju: Sociedade Brasileira de História da Matemática, 2011, p. 1-7. SILVA, C. P. Sobre o início e consolidação da pesquisa matemática no Brasil – parte I. *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 6, n. 11, p. 67-96, abr/set, 2006. TÁBOAS, P. Z. Luigi Fantappiè: influências na matemática brasileira. Um estudo de história como contribuição para a educação matemática. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2005. Podemos citar o exemplo de Theodoro Ramos e Lélío Gama, formados pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que estudavam Análise Matemática clássica por conta própria, desde os anos de 1910. SILVA, C. P. Alguns aspectos históricos sobre o desenvolvimento da Análise Matemática no Brasil. *Revista Brasileira de História da Matemática*, especial, n. 1, p. 255-271, 2007. Para se compreender o trabalho de Fantappiè junto ao curso de Análise Matemática, ver OTERO-GARCIA, S. C. Disciplinas de Análise na História de seu Ensino: uma trajetória no curso de licenciatura em matemática da USP de São Paulo. *História da Ciência e ensino: construindo interfaces*, v. 11, p. 56-90, 2015.
- 9 SILVA, op. cit., 2015. Na historiografia da matemática brasileira, poucos estudos dedicaram a compreender especificamente o caso dos professores italianos que vieram ao Brasil em missão cultural. Neste sentido, destacam-se os trabalhos de D'AMBROSIO, op. cit., 1987; WATAGHIN, op. cit., 1992; SILVA, op. cit. 2015. O único trabalho que trata especificamente sobre a trajetória de Fantappiè no Brasil, é a tese de doutorado de TÁBOAS, op. cit., 2005.
- 10 O grupo ligado ao jornal O Estado de S. Paulo, do qual podemos citar, por exemplo, Júlio de Mesquita Filho, defendia a ideia da fundação de uma universidade em São Paulo mesmo antes dos anos de 1930. No entanto, somente após a nomeação de Armando de Salles Oliveira, cunhado de Mesquita Filho, para ser Interventor Federal por São Paulo, em 1933, a ideia se concretizou e a universidade pôde ser fundada, em 25 de janeiro de 1934. CARDOSO, op. cit., 1982.
- 11 BERTONHA, J. F. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- 12 Para realização deste estudo, consultamos, no segundo semestre de 2014, o exemplar do relatório de Fantappiè de 1939 presente no acervo do Archivio Centrale dello Stato, localizado na cidade de Roma, na Itália. Paulo César Duarte chegou a publicar a transcrição das primeiras páginas desse documento e a utilizar outros trechos em sua tese de doutorado, porém este autor consultou outro exemplar do relatório, que se encontrava em posse de Cândido Lima da Silva Dias, que foi aluno de Fantappiè. DUARTE, P. C. X. Cândido Lima da Silva Dias - da Politécnica à FFCL da USP: XV Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática. *Anais...* Campina Grande, 2011, p. 1-12. DUARTE, P. C. X. Cândido Lima da Silva Dias - da Politécnica aos Primórdios da FFCL da USP. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2014. É importante frisar que nossas análises se basearam no relatório consultado na Itália, respeitando o contexto documental do qual ele faz parte. A transcrição desse relatório pode ser encontrada em: SILVA, L. V. S.; SIQUEIRA, R. M. Luigi Fantappiè e a Missão Italiana no Brasil: um relatório para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e suas possíveis cópias. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 110-121, 2015.
- 13 Estes depoimentos e entrevistas foram coletados em dissertações de mestrado, números comemorativos de revistas científicas que tratam da história da Universidade de São Paulo e portais eletrônicos de divulgação científica. Eles foram incorporados a este trabalho a fim de trazer à luz uma possível memória coletiva compartilhada pelos diferentes agentes sociais que tiveram contato com os professores italianos, sobretudo com Luigi Fantappiè, e que pudesse ser confrontada com os documentos do período.
- 14 BOURDIEU, P. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.
- 15 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”. 25 de outubro de 1939. Archivio Centrale dello Stato, Roma. “Busta” 35, p. 8 “8.7. S. Paolo”, s.p. 1 “1940 e prec”, p. “Publicazioni”, s.p. “Varie”, s.p. “San Paolo, Università - Professori Italiani”, s.p. “Luigi Fantappiè”.
- 16 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 2.
- 17 D'AMBROSIO, op. cit., 1987.
- 18 CASTRUCCI, B.; DIAS, C. L. S.; FARAH, E. Entrevista. *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 7, n. 14, p. 247-279, out, 2007/mar, 2008, p. 256.
- 19 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 2.
- 20 CASTRUCCI, B. Depoimento. In: FREITAS, S. M. Reminiscências. Contribuição à memória da FFCL/USP:1934-1954. *Dissertação*. Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1992, p. 44-55.
- 21 Sobre as conferências públicas da FFCL, ver SILVA, op. cit., 2015.
- 22 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 3.
- 23 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 3.
- 24 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 3.
- 25 CASTRUCCI; DIAS; FARAH, op. cit., 2008, p. 255.
- 26 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 5.
- 27 D'AMBROSIO, op. cit., 1987.
- 28 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 5.
- 29 CASTRUCCI; DIAS; FARAH, op. cit., 2008.
- 30 SOUZA, A. C. M. Depoimento. In: FREITAS, Sônia Maria. Reminiscências. Contribuição à memória da FFCL/USP:1934-1954. *Dissertação*. Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1992, p. 35-43, p. 37.
- 31 CASTRUCCI, op. cit., 1992.
- 32 DIAS, C. L. S. Entrevista. Cândido da Silva Dias: meio século como pesquisador. *Estudos Avançados*, vol. 8, n. 22, p. 97-105, 1994, p. 100.
- 33 SANTOS, M. D. S. *Entrevista concedida a Amélia Hamburger (Instituto de Física, USP) e Carmen Weingrill (Ciência Hoje)*. Canal Ciência. Portal de Divulgação Científica e Tecnológica. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), 1992. Disponível em: http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/marcelo_damy_de_s_santos_61.html. Acesso em: 20 de março de 2016, s. p.
- 34 DIAS, op. cit., 1994. CASTRUCCI, op. cit., 1992.
- 35 CASTRUCCI, op. cit., 1992, p. 46.
- 36 BERTONHA, op. cit., 2001.

- 37 CASTRUCCI, op. cit., 1992.
- 38 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 4.
- 39 SILVA, op. cit., 2015.
- 40 CASTRUCCI, op. cit., 1992. CASTRUCCI; DIAS; FARAH, op. cit., 2008.
- 41 Albanese e Galvani foram contratados em 1936 e Ungaretti em 1937. SILVA, op. cit., 2015. WATAGHIN, op. cit., 1992.
- 42 BERTONHA, op. cit., 2001.
- 43 CASTRUCCI, op. cit., 1992.
- 44 Idem, p. 47.
- 45 DUARTE; OLIVEIRA; PINTO, op. cit., 2010, p. 112.
- 46 CASTRUCCI, op. cit., 1992, p. 50.
- 47 Idem.
- 48 SILVA, op. cit., 2000, p. 100.
- 49 Idem.
- 50 SILVA, op. cit. 2015. “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 6.
- 51 CARDOSO, op. cit., 1982.
- 52 SILVA, op. cit., 2015.
- 53 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 5-6.
- 54 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 8.
- 55 CARVALHO, J. B. P. Euclides Roxo e as polêmicas sobre a modernização do ensino da matemática. In: VALENTE, W. R. (org.). *Euclides Roxo e a modernização do ensino da matemática no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004, p. 85-149.
- 56 SILVA, op. cit., 2015.
- 57 “Relatório apresentado pelo Prof. Luigi Fantappiè”, op. cit., 1939, p. 6.
- 58 Sobre a Reforma Capanema, ver SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- 59 SILVA, op. cit., 2015.
- 60 SILVA, op. cit., 2015, p. 63.
- 61 DIAS, op. cit., 1994, p. 97.
- 62 Idem, p. 97-98.
- 63 Idem, ibidem, p. 99.
- 64 SCHOBER, J.; BELISARIO, R. *Entrevista: Marcelo Damy de Souza Santos. Cienc. Cult.* [online]. 2003, v. 55, n. 4, p. 10-12. Disponível em: cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v55n4/a07v55n4.pdf. Acesso em 20 de março de 2016, p. 11.
- 65 SANTOS, op. cit., 1992, s.p.
- 66 Idem.
- 67 SILVA, op. cit., 2006. MARAFON, A. C. M. *Vocação matemática como reconhecimento acadêmico. Tese*. Doutorado em Educação: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2001.
- 68 USP, Escola Politécnica, Cop. de Expediente n.135, fls. 104, Arquivo Morto da Escola Politécnica. MARAFON, op. cit., 2001, p. 302.
- 69 CELESTE FILHO, M. *A constituição da Universidade de São Paulo e a Reforma Universitária da década de 1960*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 19-20.
- 70 Idem.
- 71 Arquivo Histórico da Escola Politécnica da USP. Parecer da Comissão Especial, da Reitoria da USP, 20 jul. 1936, p. 6. CELESTE FILHO, op. cit., 2013, p. 29-30.
- 72 BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência*. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- 73 Idem.
- 74 CELESTE FILHO, op. cit., 2013.
- 75 No sentido estabelecido por Magali Larson, como separação de uma determinada atividade para somente um grupo social. LARSON, M. S. *The rise of professionalism*. Berkeley: University of California, 1977.

[Artigo recebido em março de 2017. Aceito para publicação em novembro de 2017.]